

O MAPA DA VIOLÊNCIA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE E NO INTERIOR DO ESTADO DA PARAÍBA DE 2007 A 2013

JOSE DANTAS DE SOUSA JUNIOR

Doutorando Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN.

e-mail: ijunior2013@yahoo.com.br.

RESUMO: Este artigo é o resultado de um trabalho monográfico que tem como objetivo identificar a violência no estado da Paraíba através do perfil das pessoas que sofreram algum tipo de crime na cidade de Campina Grande e regiões vizinhas e que conseqüentemente procuraram o CEAV – Centro de Valorização da Vida desta cidade para algum auxílio. Este órgão público tem como uma de suas funções divulgar os dados da violência, já que tem o objetivo de fornecer apoio às vítimas de crimes. A violência é tida como um dos maiores problemas da sociedade contemporânea, conforme autores como Zaluar, Porchmann e Amarin, entre outros, e vem em um crescente aumento, o que nos motivou para construirmos esta pesquisa. Estes dados nos foram fornecidos a partir dos números de queixas e atendimentos da instituição, tais também com entrevistas dos seus técnicos. A partir deste estudo encontramos um mapeamento das vítimas com as suas localizações e determinados gêneros, idades, graus de instrução, níveis financeiros entre outros aspectos. Dentre os números encontrados, dos quais pretendemos levar ao conhecimento público e das autoridades competentes, podemos dizer que houve uma elevação no número da violência contra o idoso e contra a criança, sendo a maior parte destes atos ocorridos em suas casas.

Palavras-chave: CEAV. Crime. Sociedade.

ABSTRACT : This article is the result of a monograph that aims to identify the violence in the state of Paraíba through the profile of people who have suffered some kind of crime in the city of Campina Grande and neighbouring regions and consequently sought the CEAV – Valorisation of Life Centre in this city for some assistance. This public organization has as one of its functions to disseminate data on violence, because of its objective of providing support to victims of crime. Violence is understood as one of the biggest problems of contemporary society, according to authors like Zaluar, Porchmann and Amorim among others, and its increasing development has motivated us to do this research. These data were based on the number of complaints and institutional calls as well as interviews with its technicians. From this study, we were able to map out the victims with their locations and genres, ages, educational levels, financial levels and so on. Amongst the numbers found, of which we intend to bring to public knowledge and competent authorities, we can say that there was a considerable rise in the number of violence against the elderly and children, with most of these acts occurring in their homes.

Keywords: CEAV; crime; society.

Revista Diálogos Possíveis, Salvador, ano 16, número 1, p 96 - 111 , jan./jun. 2017

O objetivo desse artigo é de divulgar dados e fazer uma reflexão teórica sobre a violência no interior do estado da Paraíba tomando como universo empírico as vítimas atendidas pelo CEAV – Centro de Apoio às Vítimas de Violência - em Campina Grande e suas cidades circunvizinhas. Esse é o resultado de um trabalho que estudou o perfil de pessoas que sofreram algum tipo de crime que procuraram esta instituição para devidos auxílios. Além desta instituição, foram pesquisados dados sobre a violência na cidade de Campina Grande, cidades circunvizinhas e até mesmo na capital do estado, João Pessoa, através de órgãos como a delegacia da mulher, outras delegacias, conselhos tutelares e outros órgãos que trabalham a questão da violência. Todos os dados confirmam o que aparentemente se vê e também se sente, de que a Paraíba tornou-se um dos estados com o maior índice de Violência no país e que não se concentra apenas em sua capital, mas que também este fenômeno percorre o interior do estado.

A pesquisa foi feita entre os anos de 2007 e 2012, desde um pouco antes da criação desta instituição, já mostrando a necessidade de políticas públicas de combate à violência. Estes dados, obtidos através dos números fornecidos e de entrevista com os responsáveis, tais como as assistentes sociais, psicólogos e advogados, nos mostram a eficácia e a ineficácia de políticas públicas de proteção à sociedade no nordeste brasileiro e em especial no interior do estado da Paraíba. Mesmo com um tão alarmante problema social, percebemos como iremos mostrar mais a diante a ineficácia de políticas públicas de combate a violência e de segurança para as pessoas. No ano de 2013, procuramos alguns profissionais desta instituição para detectarmos alguma mudança nos crescentes números, mas as queixas continuaram as mesmas, tanto dos profissionais, como da população vitimada.

O que nos motivou á reflexão teórica sobre a violência e que nos levou á escolher o próprio CEAV como base empírica de pesquisa foi o próprio avanço da violência em todo o mundo e conseqüentemente no estado da Paraíba, fato constatado nos noticiários diários dos meios de comunicação de massa e nas próprias estatísticas dos órgãos de segurança pública. O CEAV nos forneceu dados que comprovaram estes altos números, que variaram desde a sua criação em julho de 2008 até 2010. Depois a instituição não preparou novos dados e em

pesquisa a outras instituições detectamos este aumento até 2012 e procuramos mostrar aonde e de que forma estão distribuídos estes atos que vão contra a integridade das pessoas.

Com relação ao quadro da violência na Paraíba, colhemos informações da Secretaria de Segurança Pública da Paraíba, entre os meses de Janeiro e Agosto de 2011, foram registradas neste estado 1.100 assassinatos, o que perfaz mais de 100 homicídios por mês. Aquela secretaria ainda informa que em 2009, ocorreram 1.251 mortos. Já em 2010 foram registrados 1.485 homicídios. Portanto, entre 2009 até agosto de 2011, ocorreram 3.836 homicídios, chegando até Dezembro ao patamar dos 4.436 casos na Paraíba. Isto significa dizer que no Estado, a taxa de homicídios é de 344 em cada 100 mil habitantes bem superior à média normal que é de 26 assassinatos para cada 100 mil pessoas. Esses dados são mais graúdos se verificarmos que a Paraíba apresenta uma população de apenas 3.766,328 habitantes frente à população do país, que estava em torno de 180 milhões de pessoas (Portal Independente, 01/09/2011). No Mapa da Violência do Brasil (WAISELVISZ, 2011) as duas maiores cidades do estado, Campina Grande e a capital João Pessoa figuram entre as cidades mais violentas do país e a Paraíba como um estado que teve um aumento em sua taxa de mortalidade. Para a Organização Mundial de Saúde e outros organismos das Nações Unidas, quando a taxa de homicídios ultrapassa 10 homicídios em cada 100 mil habitantes, passa a ser considerado um índice insuportável, e os números podem ser comparados a países que estão de alguma forma em um “estado de guerra”.

Campina Grande também faz parte dessa realidade de guerra civil não declarada. Em 2001, de acordo com os dados fornecidos pela Secretaria de Segurança Pública, foram 106 homicídios, em 2009 foram 152 pessoas assassinadas, nos mostrando assim o aumento da criminalidade e da quantidade de vítimas. Assim, em 2009, esta cidade apresentou uma taxa de 39,6 homicídios para cada 100 mil habitantes. Somam-se a estes homicídios, atos de violência de vários tipos e quilates e que recheiam os noticiários da imprensa falada, escrita e televisada, além dos blogs e sites da mídia eletrônica. São assaltos e atentados armados em caixas eletrônicas de bancos e de agências dos Correios; assaltos em residências rurais e urbanas; sequestros relâmpagos; assaltos em transportes urbanos, resultando a queima de ônibus; furtos e roubos à mão armada em lugares públicos; além de muitos outros atos intencionais de violência e vandalismo.

Pochmann e Amorim (2003) construíram o “Atlas da exclusão social do Brasil”. Os autores realizaram uma ampla pesquisa entre os anos 2000 e 2002 envolvendo os 5.507 municípios brasileiros. Procuraram apresentar estes dados em 41 mapas, entre regionais e nacionais, mostrando uma assim uma geografia da exclusão social no país. Através do cruzamento de diferentes indicadores que definem o padrão de vida da população, como o grau de pobreza e desigualdades de renda; o conhecimento através da taxa de alfabetização da população acima de cinco anos, jovens que estão fora das escolas, média de escolaridades dos chefes da família; e também o risco juvenil, porcentagem de jovens na população e a taxa de homicídios por 100 mil habitantes. Também verificamos estes dados para mostrar o aumento da violência e da desigualdade social no país, que como no interior do estado da Paraíba não poderia ser diferente. Nos números do CEAV também detectamos este aumento, como mostramos no quadro abaixo desde a fundação deste órgão.

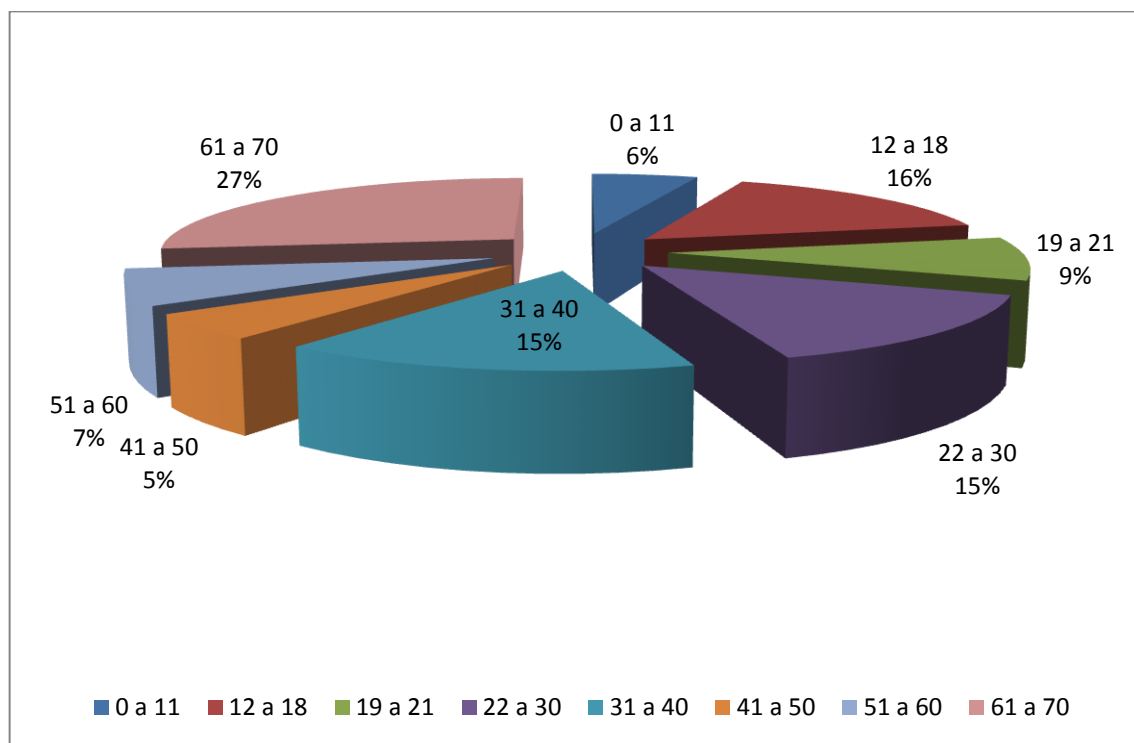
Quadro I – Pesquisa sobre a Violência Urbana evolução do Número das Vítimas Atendidas pelo CEAV – Campina Grande-PB / 2008-2010.

| Meses | Ano | | | Total | % |
|--------------|------------|------------|------------|------------|-------------|
| | 2008 | 2009 | 2010 | | |
| JAN | - | 19 | 37 | 56 | 9% |
| FEV | - | 24 | 22 | 46 | 8% |
| MAR | - | 23 | 26 | 49 | 8% |
| ABR | - | 22 | 24 | 46 | 8% |
| MAI | - | 20 | 21 | 41 | 7% |
| JUN | 25 | 30 | 29 | 59 | 10% |
| JUL | 30 | 22 | 20 | 42 | 7% |
| AGO | 40 | 21 | 22 | 43 | 7% |
| SET | 55 | 28 | 30 | 58 | 9% |
| OUT | 28 | 20 | 25 | 45 | 7% |
| NOV | 40 | 18 | 19 | 37 | 6% |
| DEZ | 20 | 46 | 41 | 87 | 14% |
| Total | 238 | 293 | 297 | 828 | 100% |

Fonte: Sousa Jr. (2012).

Dado este cenário de violência, a questão é saber por que os índices aumentaram tanto nos últimos anos e onde estaria a razão do problema. É nesta direção que caminha nossa discussão, ao passo que levanta a assertiva de que a assistência social, jurídica e psicológica às vítimas de vários tipos de violência tem um valor em sinônimo e seguido às orientações solidárias e humanitárias, éticas e morais dos Direitos Humanos. Portanto, se não formos às causas do problema, continuaremos nesse clima de guerra civil não declarada, ao ponto de perdermos a própria capacidade de nos indignarmos contra essa “maré” de atentados contra a vida. O atendimento do CEAV abrange vítimas de todas as idades e de todas as raças e etnias, o que já nos dá uma amostra de como mais ocorre nesta cidade e circunvizinhança.

Gráfico I – vítimas atendidas pelo CEAV por faixa etária.



Fonte: Sousa Jr. (2012).

Podemos notar que o governo e todas as suas autoridades responsáveis não estão conseguindo reduzir estes números. O motivo pode ser a falta de políticas públicas adequadas que venham pelo menos minimizar estes altos índices, como na opinião da equipe de trabalho pertencente ao CEAV. Para estes a solução poderia ser uma maior criação de empregos e de renda, um maior investimento na educação, tal também na segurança pública. Além disso, Revista Diálogos Possíveis, Salvador, ano 16, número 1, p 96 - 111 , jan./jun. 2017

programas educativos que combatessem a criminalidade pudessem conscientizar as pessoas para procurar evitar certos atos. Isto é sem dúvida nenhuma uma tarefa difícil, que só poderia ter resultado a um longo prazo, mas, no entanto, que teria que ser começada o mais urgente possível.

A VIOLÊNCIA EM CASA E NAS RUAS

Existem vários tipos de violência, desde a violência doméstica até a violência simbólica. Cada qual destas possui características diferentes, mas, porém todas elas aferem contra o ser humano: Seja a partir de uma violência explícita ou de uma praticada contra a liberdade do indivíduo. Neste trabalho analisamos todos os tipos de violência noticiadas entre as vítimas atendidas pelo CEAV, Campina Grande-PB de 2007 a 2012, abrangendo todas as suas redondezas. Estas vão desde a urbana até a familiar, com as sequelas deixadas nas suas vítimas, tais como a depressão e o medo de sair à noite.

Quanto ao impacto da violência na sociedade, consideramos o que propõe Waiselfisz (2011) em que ao levantar o Mapa da Violência no Brasil, afirma que o contínuo incremento da violência pode ser visto como um aspecto que representa a atual organização da vida social. Vê a questão da violência e a segurança cidadã, como uma das maiores preocupações não só no Brasil, como também na América e no resto do mundo, isto comprovado nas pesquisas de opinião pública. Podemos ver a complexidade do tema violência, ao citarmos Zaluar (1991, p.10) que define que:

Violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). Esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar um ato como violento, percepção esta que varia cultural e historicamente. As sensibilidades mais ou menos aguçadas para o excesso no uso da força corporal ou de um instrumento de força, o conhecimento maior ou menor dos seus efeitos maléficos, seja em termos do sofrimento pessoal ou dos prejuízos à coletividade, dão o sentido e o foco para a ação violenta. Além de polifônica no significado, ela é também múltipla nas suas manifestações. Do mesmo modo, o mal a ela associado, que delimita o que há de ser combatido, tampouco tem definição unívoca e clara.

A violência pode ser vista por muitos como uma ação referida de uma pessoa ou mais à outra ou outras. Mas também pode ser vista em muitos de seus casos como uma reação. As

peças podem cometer um ato violento em virtude de estarem reagindo a uma determinada situação. Um exemplo disto pode ser uma criança moradora de rua, que comete um furto ou um assalto para conseguir dinheiro para sobreviver. Esta atitude pode ser mais vista como uma reação do que como uma ação. Mas nem sempre as pessoas que sofrem um tipo de violência são responsáveis pela situação de outras, como no caso a pessoa que foi assaltada pela criança, que lhe roubou a bolsa ou lhe feriu para tentar conseguir algo que lhe ajudasse de alguma forma.

A própria complexidade do fenômeno é vista como determinada, como os conceitos e as abordagens vão produzindo em determinadas épocas, realidades e circunstâncias históricas. Um mesmo fenômeno pode ser visto através de diferentes abordagens e orientações, inclusive política-ideológicas.

Há a violência que não é ruidosa, mas totalmente agressiva. Na sociedade baseada na exploração do homem pelo homem, como é a sociedade capitalista atual, a violência não só se mostra nas formas diretas e organizadas de uma violência real ou possível, como também se manifesta de um modo indireto, e aparentemente espontâneo, como violência vinculada como caráter alienante e explorador das relações humanas. Tal é a violência da miséria, da fome, da prostituição ou da doença que já não é a resposta à outra violência potencial ou em ato, mas sim da própria violência como modo de vida porque assim o exige a própria essência do regime social. Essa violência surda causa muito mais vítimas que a violência ruidosa dos organismos coercitivos do Estado. (WÁSQUEZ, 2007, p. 377-378).

O CEAV trabalha com diversos tipos de violência, já que dentro das sociedades contemporâneas existe uma série de atos que atingem não somente os seres humanos, mas também todas as outras espécies e também contra o mundo em geral. Cabem as Ciências Sociais se preocuparem em detectar como estes atos ocorrem, e vem se proliferando de forma drástica na sociedade moderna. Podemos ver desta forma, que o conceito de violência não pode ser banalizado e compreendido apenas como agressões físicas ou expressões da criminalidade. Já que vivemos em uma sociedade que é estratificada e dividida em classes, pois em uma sociedade dividida em classes, a violência aparece de diversas formas, inclusive por meio da repressão do próprio Estado. Um dos problemas detectados na instituição é o medo das pessoas em denunciar estes casos. Seja como medo do agressor, seja com medo da opinião pública.

Sobre a violência urbana, podemos considerar o que diz Adorno apud Souza (2003), no qual coloca que desde o recente egresso do regime autoritário, o Brasil experimenta quatro novas tendências:

a) o crescimento da delinquência urbana, em especial dos crimes; Contra o patrimônio (roubo, extorsão mediante sequestro) e de homicídios dolosos (voluntários); b) a emergência da criminalidade organizada, em particular em torno do tráfico internacional de drogas, que modifica os modelos e perfis convencionais da delinquência urbana e propõe problemas novos para o direito penal e para o funcionamento da justiça criminal; c) graves violações de direitos humanos que comprometem a consolidação da ordem política democrática; d) a explosão de conflitos nas relações intersubjetivas, mais propriamente conflitos de vizinhança que tendem a convergir para desfechos fatais. Trata-se de tendências que, conquanto relacionadas entre si, radicam em causas não necessariamente idênticas. (ADORNO, 2002:88)

A exclusão social pode ser considerada uma das maiores causas da violência em geral. Quanto ao trabalho do Estado no combate da exclusão social, Pochmann & Amorim (2007, p. 75), ressaltam que:

Alterar a configuração geoeconômica do Brasil não é simples e tão-somente estimular a produção, incentivando o espalhamento da lógica industrial no Nordeste e Norte brasileiros. Vai além, significa enfrentar e eliminar velhas práticas políticas e implantar ações sociais que resgatem a cidadania da população excluída, dando-lhe as condições para sua emancipação econômica (POCHMANN & AMORIM, 2007, p. 75).

E quanto à relação das Ciências Sociais com o estudo da violência, podemos concordar com o que diz Wiewiorka (1997, p. 10):

Enfim, a violência muda se considerar os modos de abordagem que, para apreendê-la nas ciências sociais, não podem mais ser os que antes eram utilizados. Há diversos raciocínios suscetíveis de constituir instrumentos de compreensão da violência, diversas tradições sociológicas, e pode-se mesmo considerar que não há teoria geral que não seja capaz de contribuir com um enfoque específico para a análise da violência. Mas, se é possível apresentar os principais modos de abordagem da violência, indicando para cada um sua quota de contribuição e seus limites, e refletir sobre as possibilidades que há de acumular conhecimentos, logo integrando as diversas proposições disponíveis em teorias complexas, é talvez ainda mais interessante ver como, segundo as épocas, certas ideias exercem uma influência ou têm um impacto predominante. (WIEVIORKA 1997, p. 10),

A INSTITUIÇÃO CEAV

O Centro de Atendimento às Vítimas de Crimes na cidade de Campina Grande (o CEAV-CG) é um programa da Secretaria Especial de Direitos Humanos do Governo Federal implantado nesta cidade em parceria com a Prefeitura Municipal através da Secretaria de Assistência Social e da Secretaria de Finanças do Município. Foi criado no ano de 2008, com a finalidade de dar assistência às pessoas vítimas de algum ato violento, ou que perderam algum parente em virtude da violência urbana.

Este órgão público procura trabalhar com a reestruturação moral, psíquica e social das vítimas diretas e indiretas de crimes como, homicídio, latrocínio, exploração sexual, violência domestica e tentativa de homicídio, entre outros. Procura também fazer um trabalho educativo na sociedade, especialmente nas zonas tidas como sendo de maior risco. O CEAV tem também como um dos seus objetivos, identificar falhas de segurança, justiça, proteção e prevenção da violência. Procura valorizar os direitos humanos na sociedade, e em sua maior parte atua nas áreas periféricas da cidade, conforme informados nos dados.

Várias podem ser as sequelas deixadas em pessoas que sofreram ou viram determinados crimes. Estresse pós-traumático, ansiedade, insônia, fuga do convívio social, maior tendência a problemas cardíacos de pressão alta, entre outras. Assim se deve fazer um trabalho restaurador com estas vítimas para que possam superar estes traumas, afim de não prejudicarem as suas qualidades de vida. Uma pessoa que sofreu um assalto pode adquirir uma insônia, um medo da sociedade, de ir para determinados lugares, de não deixar seus filhos saírem de casa. O CEAV trabalha na reestruturação pessoal, psicológica e social do indivíduo.

A equipe técnica do CEAV é formada por uma coordenadora, duas assistentes sociais, duas pedagogas, um advogado, um psicólogo e funcionários da área de limpeza e segurança. Este órgão público trabalha em parceria com a SEMAS – Secretaria Municipal de Assistência Social - e com as entidades de proteção aos direitos de crianças e adolescentes, bem como, entidades de defesa dos direitos das mulheres e dos idosos. Destas entidades que trabalham

em parceria com o CEAV, destacamos, por exemplo, o projeto Sentinela e os Conselhos Tutelares, que fazem um trabalho de proteção e assistência ao menor.

Ao fazerem o trabalho de campo onde visitam as famílias para encontrar as causas e detectar o que vem ocorrendo com a vítima e ao fazerem o trabalho pedagógico nos bairros estes servidores públicos passam a conhecer a realidade das vítimas e a atual situação em que se encontra a sociedade local. Podemos afirmar isto também em termos do país em geral, pois é claro que em cidades grandes ou maiores que Campina Grande, o nível de violência é ainda maior e proporcionalmente com as mesmas possíveis causas e com o mesmo perfil de vítimas.

No trabalho educativo de bairros as dificuldades são significativas, tanto como visitas às vítimas para orientá-las e acompanhá-las. Na logística, são encontradas dificuldades de locomoção dos servidores e educadores aos bairros e casas das vítimas; falta de equipamento para trabalhar; segurança dos servidores; salários, diárias, capacitação. Além disso, sua pequena equipe técnica é insuficiente e pouco equipada e preparada para cobrir todo o universo de crimes sofridos pelas vítimas que lhe pedem amparo e socorro e para cumprir a complexidade de objetivo ainda exposto. O CEAV procura atender tanto as vítimas quanto as famílias das vítimas, mas porem encontra grandes dificuldades.

AS PESSOAS VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA

Partirmos para construir um perfil das vítimas de atos violentos a partir dos casos registrados pelo CEAV. Muitos são de agressões aos idosos e as crianças, e os causadores destes atos em sua maior parte possuem algum tipo de vício, como em drogas e em álcool, além de um descontrole psicológico, entre outros fatores. O CEAV atende a diversos casos, da cidade de Campina Grande como de toda a sua circunvizinhança, e dentre todos estes, o maior número de ocorrências tem sido (conforme levantamos nos dados e nas entrevistas) foi o da violência contra a criança e especialmente da violência contra o idoso. Como podemos ver no depoimento da pedagoga do CEAV, a violência contra o idoso vem crescendo muito nos últimos anos, isto em virtude muitas vezes da retenção do cartão benefício. Muitas vezes os familiares pegam o dinheiro da aposentadoria do idoso para o consumo de álcool e de bebida alcoólica. Quanto à violência contra o idoso e entrevista a pedagoga da instituição, esta afirmou que existem muitos casos de retenção do cartão benefício e de maus tratos. O filho

era para ser responsável para cuidar da mãe, só que recebe o benefício e não passa pra ela, não faz uma feira, a idosa fica sem nada enquanto o filho pega o benefício para usar drogas.

A violência contra a criança vem aumentando nos últimos anos, na maioria das vezes dentro da sua própria casa, como constatado no depoimento obtido. O abuso sexual tem sido o maior atentado contra estas crianças. A denúncia muitas vezes parte dos vizinhos ou de familiares que procuram denunciar este crime cometido pelos pais e por padrastos. O mau trato contra crianças ainda é frequente mesmo sendo feitas leis que procuram proteger o menor e com repressões aos criminosos. Desde quando inaugurado, em julho de 2008, o CEAV recebeu em seus primeiros 6 meses (conforme relatório de 2008), 41 denúncias de maus tratos contra crianças e especialmente idosos, sendo este o maior número de denúncias apuradas.

Questionamos se o programa “Bolsa Família” ajuda a diminuir estes problemas, já que funciona como uma ajuda de custo para combater a pobreza e outros problemas sociais, a equipe de trabalho expõe que este não resolve. Podemos entender isso no depoimento da Assistente Social do CEAV em que diz que “A gente faz a visita e vê que o pai é drogado, usa o Bolsa Família para comprar drogas e a família depende disso. Ela inibe a situação, mas a miséria continua a mesma. Podemos dizer que alivia, mas existem muitos problemas na família”. Em muitos dos casos as crianças chegam a não receber absolutamente nada.

Quanto à etnia podemos ver que as pessoas de cor branca são menos afetadas do que as de cor parda e negra. Entre vítimas e familiares no ano de 2011, encontramos 77 pessoas da cor branca, enquanto 127 pardos e 89 negros. Além disso, existem mais mulheres do que homens procurando o CEAV, mostrando serem mais expostas à violência. Quanto à localização destas pessoas, detectamos que as pessoas que residem em bairros de classe social mais alta estão menos expostos ou mais protegidos contra a violência. Podemos desta forma, ver que as pessoas que se encontram em áreas com maior exclusão social, estão mais predispostas a violência, tanto no ato de cometer, como no ato de sofrer. Partimos da hipótese de que em áreas de situação social mais carente, se torna mais comum cenas de violência, pois estas também são mais carentes de assistências como a educação, segurança pública e geração de empregos, entre outros. Podemos concordar com o que diz Costa (1999, p.237-243)

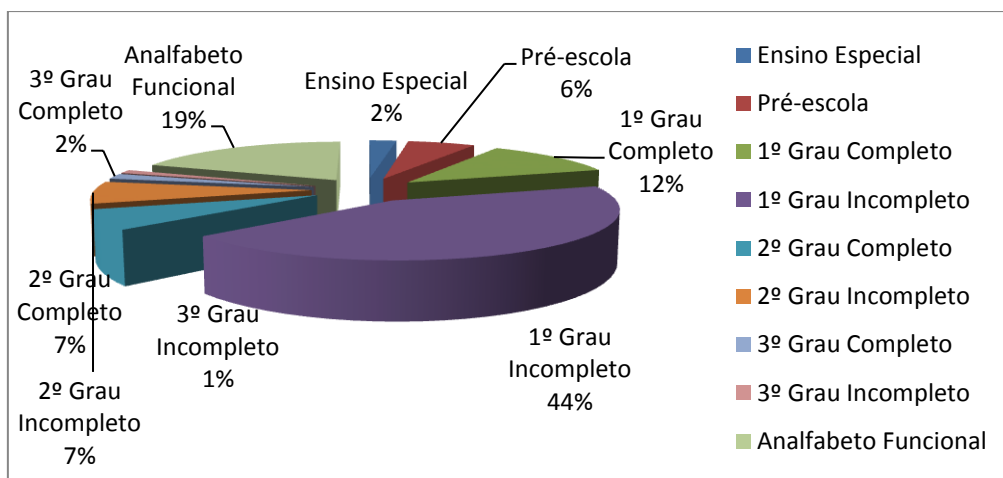
As maiores vítimas das violências e homicídios não são os ricos, mas os pobres e excluídos. Os privilegiados economicamente sempre podem contratar seguranças

particulares, encerrar-se em condomínios de luxo protegidos ou transferir a família para Miami, como vem acontecendo no Brasil, em decorrência da onda de sequestros. Já os pobres não possuem meios e, em muitas situações, nem sequer podem contar com o poder público para se defender das violências, da polícia, dos traficantes ou de outros tipos de gangues. Comprovando esta realidade, algumas pesquisas revelam o caráter altamente segregado de centros urbanos, como nos casos de São Paulo e Los Angeles, onde os ricos encerram-se em espaços privados, verdadeiros enclaves fortificados para o lazer, trabalho, moradia e outras atividades.

Ainda no perfil de pessoas vítimas de crime que procuraram o CEAV em 2009, identificamos que as pessoas com um maior grau de escolaridade, com ensino superior completo ou incompleto, são menos afetadas pela criminalidade. Entre estas vítimas que procuram a instituição, quase metade delas possuem o primeiro grau incompleto. Outro percentual mais alto também é o de pessoas que possuem apenas o primeiro grau. O que mostra que as pessoas com um menor grau de escolaridade estão sendo mais expostas e residem em bairros periféricos da cidade.

O analfabetismo continua sendo um sério problema para a sociedade brasileira, menos tendo diminuído nos últimos anos, ainda se encontra em um grande número, principalmente nos estados do Nordeste. Quanto às pessoas, nesta categoria que sofreram algum tipo de crime e procuraram o CEAV, em 2012 encontramos 61 casos registrados. Podemos também ter a certeza, mesmo não tendo o número e o perfil dos criminosos, ou praticantes de qualquer delito, que estes também possuem um baixo índice de escolaridade, sendo muitos analfabetos.

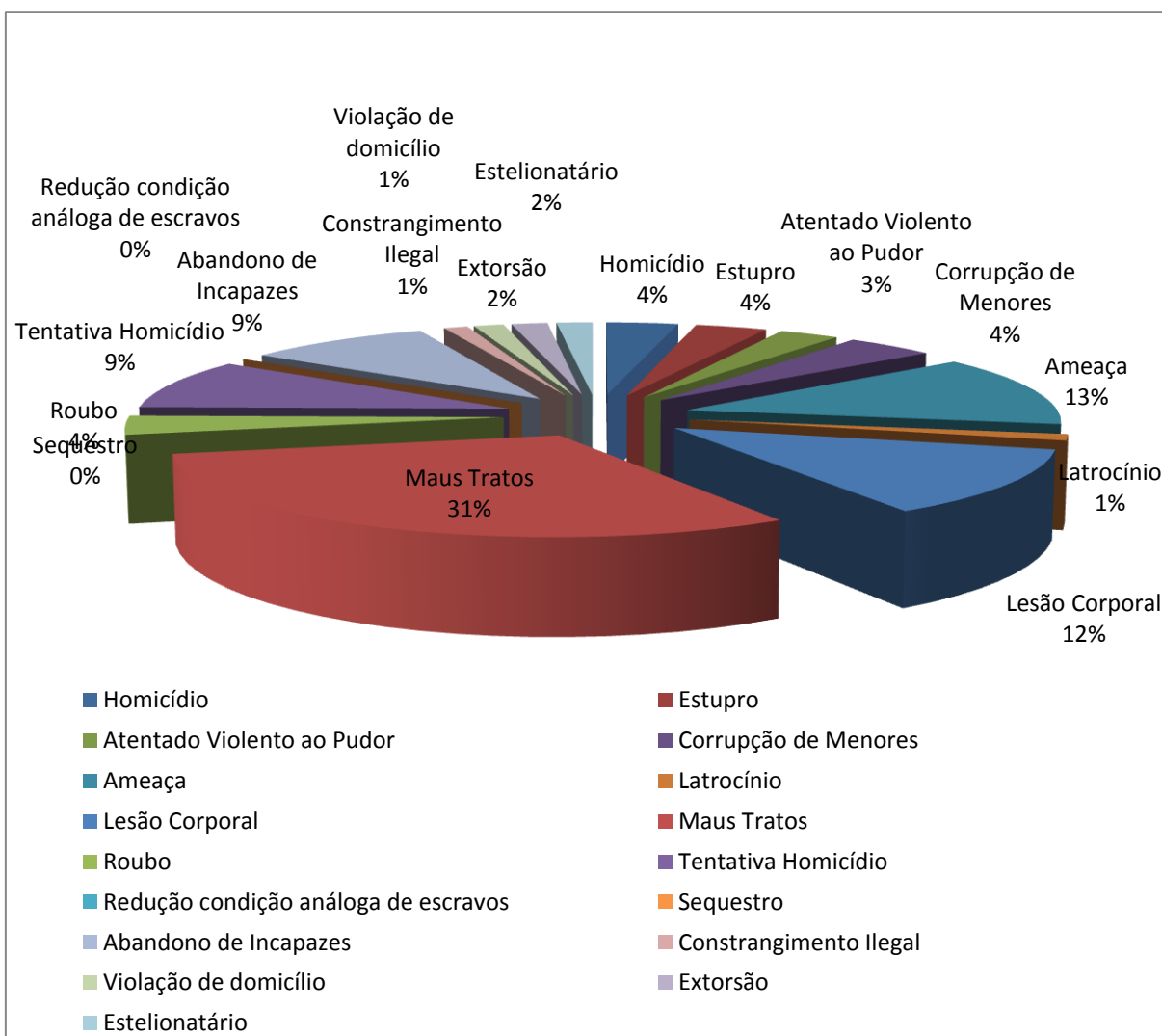
Gráfico II – Número dos casos de violência atendidos pelo CEAV por escolaridade.



Fonte: Sousa Jr. (2012).

Em sete meses no ano de 2008 o CEAV atendeu 143 vítimas de diversos crimes, enquanto que 2009 atendeu 180 pessoas, mostrando assim o elevado número de vítimas de algum tipo de delito no mesmo período. Quanto à população mais jovem da cidade de Campina Grande, destacamos o que publicou o Instituto Sangari no mapa da violência 2010, em que o estudo traz recortes relativos à idade entre as quais ocorreram os homicídios. Considerando as idades entre 0 e 19 anos, Campina Grande aparece no 10º lugar entre os 200 municípios com mais de 100 mil habitantes onde ocorreram mais homicídios. Um índice é de 51,6% entre os anos de 2003 e 2007. (Diário da Borborema, 31 de março de 2010). Estes números mostram o aumento da violência no interior do estado, a necessidade de outros órgãos que combatessem a violência, assim também como uma reestruturação da sua equipe e da sua logística, que não consegue atingir os seus objetivos. Fatores educacionais, culturais e econômicos também são fatores geradores e talvez apenas pesquisas voltadas para a segurança pública não resolvem este problema, algo visto nas entrevistas aos técnicos da instituição.

Gráfico III – Número de casos de violência urbana atendidos pelo CEAV – tipo de crime.



Fonte: Sousa Jr. (2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao conhecermos os números do CEAV, e de informações dadas por especialistas, podemos dizer que o jovem, do sexo masculino, que é morador de regiões periféricas das grandes cidades, que abandonou cedo os seus estudos e não possui emprego, é o maior autor de crimes, como assaltos, furtos e assassinatos. Ao mesmo tempo em que este é o maior causador também é o perfil da maioria das vítimas de homicídio. Os jovens de ambos os sexos também são as maiores vítimas de criminalidade.

No perfil das vítimas de crimes, detectamos as crianças, as mulheres e principalmente os idosos como sendo as principais vítimas. O crescimento do número de casos de violência contra idosos e crianças demonstra uma maior fragilidade destes e que na maioria dos casos necessitam de alguém para cuidar de si. Mas, em muitos casos estes responsáveis são as pessoas que lhes cometem algum atentado. No caso, a retenção do cartão benefício do idoso e do bolsa família (que seria para as crianças) surgiria como os fatores causadores destes delitos. Os crimes sexuais contra mulheres são praticados na maioria das vezes por homens com quem estas se relacionam ou se relacionaram. Os pais, parentes próximos e pessoas responsáveis por cuidar das crianças são os maiores responsáveis por atos de violência.

Agora é importante não transformar o diagnóstico, a identificação das causas, em motivo para mais violência. No caso, afirmar que as áreas urbanas mais desprovidas de recurso facilitam a criminalidade não significa dizer que os moradores dessas áreas sejam culpados. A retenção dos benefícios ocorre em função de outros problemas, como o tráfico e o vício em drogas, de um descontrole emocional e de alcoolismo. Também temos que combater estas causas ao invés de apenas punir os agressores, embora muitos ajam sem nenhuma compaixão de suas vítimas, sendo muitas inocentes e indefesas. Esses números de Campina Grande e sua região são semelhantes ao que é visto na capital do estado e suas cidades circunvizinhas e também visto em outras cidades no seu interior e sertão, como Patos e Souza, por exemplo, sempre reinando noticiários na área policial e de queixas de falta de infraestrutura adequada.

Quanto à eficácia das políticas públicas de combate à violência podemos citar que o CEAV hoje se encontra fechado com a nova administração municipal. Os motivos que levaram ao fechamento não foram divulgados. Fica a dúvida se foi por questões políticas, mau funcionamento ou problemas de ordem financeira que podem ser de vários aspectos. Podemos ver que esta é uma instituição que tinha importantes objetivos a serem alcançados, mas não conseguiu funcionar de forma adequada para isto e que além do mais existe nesta cidade e sua vizinhança diversos problemas sócio estruturais, como a falta de investimento em trabalhos, educação e mobilidade urbana, o que pode ser responsável por manter este numero alto da criminalidade e até o seu aparentemente pequeno, mas muito significativo para as suas vítimas.

REFERÊNCIAS

COSTA, M. R. "Violência e ilegalidade na sociedade brasileira". In: SOUZA, A. A.; LINS, S.C.; SANTOS, M.P.C. e SANTOS, M.C. (org.). **Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo**. São Paulo, Cedesp, 1999, p.237-243.

POCHMANN, M.& AMORIM, R. **Atlas da Exclusão Social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUSA, L. A. F. **Revista de Psicologia da UNESP**, 2(1), 2003.

SOUSA JR., J. D. **O perfil das pessoas vítimas de crime na cidade de Campina Grande a partir de um estudo sobre o CEAV**. 2012. (Monografia em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2012.

WASELFISZ J. J. **Mapa da Violência 2011: Os Jovens do Brasil**. São Paulo: 2011.

VÀSQUEZ, A. S. *Filosofia da Práxis*, São Paulo: **Expressão Popular**, 2007.

WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência, **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 9(1): 5-41, maio de 1997.

ZALUAR, A. "Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização" **São Paulo em Perspectiva**. Revista da Fundação Seade. 13 (3). 1999.